

CDU 39 (814.2)

CAMINHOS CRUZADOS: TRAJETÓRIA INDIVIDUAL E GERAÇÃO*

Lucia Lippi Oliveira

"La historia del hombre es la historia de las migraciones de su atención"

Ortega Y Gasset

O interesse pela trajetória de Alberto Guerreiro Ramos pode se tornar partilhado por muitas pessoas na medida em que seus dilemas pessoais e os de seu tempo estão profundamente inter-relacionados.

Em seus escritos transparece a forma como ele os enfrentou e a capacidade de universalizar sua experiência pessoal e geracional. Assim, queremos mostrar como as trajetórias individual e geracional deste baiano podem abrir espaço para a compreensão de uma época. Um exemplo deste embricamento entre história pessoal, experiência geracional e produção intelectual pode ser percebido no livro de estréia de um outro baiano - *O país do carnaval* de Jorge Amado - ao expressar os dilemas, os conflitos e as opções que se apresentaram à geração de jovens que viveu os anos 30 na Bahia.

À medida em que fomos nos dedicando a acompanhar a trajetória de Guerreiro Ramos foram emergindo outros nomes que partilharam com ele do mesmo mundo intelectual. Quem se lembra de que são também baianos Luis Costa Pinto; Rômulo Almeida; Afrânio Coutinho; Edison Carneiro; Thales de Azevedo, para ficarmos somente na área das chamadas ciências sociais?

* Este artigo faz parte da pesquisa sobre a sociologia no Brasil desenvolvida no CPDOC/FGV.

Mas, afinal quem foi Guerreiro Ramos? João Eurico Matta (1983) o identifica como "imponente figura de mulato escuro, baiano de Santo Amaro da Purificação, nascido em 1915" e que faleceu aos 67 anos, vítima de câncer, em Los Angeles, Califórnia. Nesta reflexão preliminar sobre a trajetória de Guerreiro, Matta procura apresentá-lo como um técnico de administração do quadro permanente do DASP. É certo que aos 40 anos ele era Técnico do DASP sendo depois professor de sociologia na Escola de Administração Pública da FGV e, por ocasião de sua morte, estivesse dando aulas na Escola de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia.

Este é certamente um dos ângulos possíveis de análise de sua trajetória. As atividades presentes em seu *currículum* mostram a constância de seu envolvimento com o mundo do serviço público. Cremos que em seu caminho houve um momento chave que definiu seu destino futuro. Tendo vindo para o Rio de Janeiro fazer o curso de Ciências Sociais na então Universidade do Brasil e tendo se formado em 1942, Guerreiro não foi nomeado professor desta universidade como desejava. Perdeu a cadeira de sociologia para Luís Costa Pinto e a de ciência política para Vitor Nunes Leal. Este episódio narrado por ele próprio em entrevista (1981) é indicativo de um outro caminho possível que, entretanto, não aconteceu. O seu lado mais acadêmico, o desempenho de homem de estudo teve que ser desenvolvido conquistando espaços ao funcionário, como quando escreveu artigos sobre Weber para a *Revista do Serviço Público* ou quando fez uma reflexão teórica de cunho político e sociológico no livro *Administração e estratégia do desenvolvimento* (1966). Possivelmente Guerreiro discordaria deste seu perfil como homem de serviço público, entretanto em sua entrevista podemos notar uma oscilação entre uma certa amargura pelo que "poderia ter sido e que não foi" e a alegria pelo que conseguiu construir ao longo de sua vida.

Mas, não estamos aqui para fazer "psicanálise" póstuma do autor. Queremos analisar a trajetória deste intelectual que marcou seu tempo não tanto pela sua obra teórica mas principalmente pelo trabalho de crítica, de demolição do pensamento bem comportado, e que exatamente disto extralou sua força. Analisar a trajetória de Guerreiro significa acompanhar parcela significativa da vida brasileira de 1930 aos anos 60. Vamos aqui ser mais modestos e começar pelo princípio, ou seja, pelos anos de sua formação na Bahia.

Ambiente intelectual da Bahia na Primeira República.

Guerreiro nasceu em 1915, em Santo Amaro da Purificação, cidade próxima a Salvador. Não sabemos quando, nem como, ele chegou à capital. Poderia ele, um jovem de cor participar do meio

intelectual baiano? Cabe perguntar: o que era este meio intelectual? Entrevistas, depoimentos, livros de memória mencionam um dos esteios da formação dos baianos: o Ginásio Nossa Senhora da Vitória ou como era conhecido o colégio dos maristas. Um destes depoimentos dá sua versão do que era este colégio em 1920:

Os Irmãos Maristas, gente recrutada sobretudo na vida rural francesa, eram excelentes agricultores e apicultores, constituindo uma corporação verdadeiramente democrática, impressionantes para meninos da Bahia senhorial da época. Ali ingressavam pretos, judeus, protestantes, sertanejos bravios e meninos delicados da cidade. Os Irmãos nos tratavam paternalmente, sem imposições religiosas, naqueles bons tempos em que colégio particular não tinha inspetor de ensino, nem qualquer contato com autoridades do governo. Não se falava em subvenções nem se pretendia fundos públicos de educação para Escola particular. (Pinho, 1984, p. 419).

Este mesmo testemunho menciona a presença de um professor de português, Elias Figueiredo Nazareth, homem de cor, "muito polido", que era catedrático da Escola Normal em Salvador. É preciso lembrar que desde 1924 Anísio Teixeira fora nomeado inspetor geral de ensino do Estado da Bahia e que ele veio a ocupar a cátedra de filosofia e história da educação da Escola Normal de Salvador em 1930. Assim ser catedrático da Escola Normal tem um sentido altamente positivo nesta sociedade que parece ser marcada por bons colégios, bons professores e um alto padrão de ensino pelo menos para os membros da elite.

Estou aqui querendo refletir sobre o que era ser um homem de cor, ou um mulato escuro, na Bahia. Uma declaração recente talvez possa mostrar em que terreno estamos tentando entrar. Indagado se já tinha sido vítima do racismo em sua vida, Gilberto Gil responde:

Eu estudava num colégio de padres maristas que era freqüentado pela elite baiana. Eu sofria muito, não só da parte dos colegas, mas também da parte dos professores, dos padres, dos irmãos. Era uma discriminação disfarçada, atenuada durante todo o tempo, mas com algumas manifestações agudas. Lembro-me que uma vez, quando pedi uma explicação, um professor, que se chamava Irmão Inácio, simplesmente virou para mim e disse: 'Cale a boca, seu negro boçal'. E eu calei. Era uma época muito difícil. (Gilberto Gil, Veja, ano 20, no. 3, 20 de janeiro de 1988).

Estes dois depoimentos referentes a épocas muito distintas expressam posições diferentes, a do membro da elite baiana se sentindo muito democrático por conviver com pessoas de cor e, de outro lado, o

negro ou mulato que sofreu muito ao tentar penetrar, através da educação, no mundo dos brancos.

Outra fonte de referência na formação dos jovens da Bahia é o Colégio Ipiranga, que passa a absorver os alunos egressos dos Maristas, considerado em decadência. Este colégio, de Isaias Alves de Almeida¹, vai preparar também parte significativa dos jovens da elite baiana. Estes jovens faziam os exames chamados "preparatórios" e em torno de 15 anos entravam para uma das Faculdades existentes: a Faculdade Livre de Direito; a de Engenharia e a Federal de Medicina.

A Faculdade de Medicina, pública, federal, era a mais importante e possuía uma tradição onde os nomes de Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Manuel Querino figuravam como expoentes da cultura "científica". Desta "cultura científica" fazia parte "a questão das raças, sua superioridade ou inferioridade", herança que marca os primeiros 25 anos do século XX. Vejamos as palavras de Thales de Azevedo:

As inconveniências do clima quente, a 'inferioridade' das raças que compunham nosso povo e os 'deletérios efeitos' da mestiçagem somavam-se em um determinismo deprimente ao regime escravocrata, às emoções da religião africana e a outros defeitos da nossa organização social para explicar a delinqüência individual, o fanatismo religioso dos sertanejos, o banditismo, a alienação mental, as formas clínicas de certas moléstias e a psicologia da nossa gente (1964, p. 55).

A crença baseada em "princípios científicos" de que há raças superiores (os brancos) e inferiores (os negros) e de que a mestiçagem produz híbridos degenerados tem conseqüências muito marcantes na sociedade brasileira em geral e baiana em particular já que uma parcela significativa da população é composta por homens de cor e a miscigenação já vinha se processando desde os tempos da colonização. Há que se lembrar também que o episódio de Canudos, com tudo que ele significou na história da República brasileira, teve lugar no território do Estado da Bahia. Ajudando a construir a relação entre a mestiçagem do sertanejo e o comportamento fanático.

Há versões radicais deste racismo científico, onde se pode incluir figuras como Nina Rodrigues, um dos pais fundadores da antropologia nacional, mas há também versões mais benevolentes, mais "cordiais".

1 Isaias e seu irmão, Landolfo Alves, serão figuras importantes da política baiana durante o Estado Novo e terão papel relevante na trajetória de Guerreiro Ramos.

que apresentam uma combinatória entre clima, raça, escravidão e psicologia coletiva mais palatável. O texto literário do médico baiano Afrânio Peixoto, *Minha terra, minha gente*, (1916) pode ser tomado como parâmetro da mentalidade que se desenvolveu a partir de mudanças introduzidas no pensamento racista produzido na Faculdade de Medicina da Bahia.

A ambivalência e incongruência entre o pensamento científico (supostamente organizado sobre a verdade) e uma realidade que se configura distinta das aspirações pessoais e sociais faz com que Salvador, cidade miscigenada por excelência, tenha que reafirmar valores aristocráticos para esconder este outro lado tão evidente.²

A Faculdade livre (quer dizer, privada) de Direito foi fundada em 1891 sob a influência das teorias das Escolas do Recife e as teses de concurso para diferentes cátedras, como Filosofia do Direito ou Direito Penal constituíam o que de mais relevante se produzia e divulgava no pensamento jurídico da Bahia.

Durante a Primeira República, a Faculdade de Direito viveu sob influência de Rui Barbosa. Encarnação do direito, da lei, candidato derrotado na Campanha Civilista em 1910 e na eleição de 1919, Rui exerceu enorme influência tanto nos alunos quanto nos advogados, jornalistas e profissionais liberais da Bahia. Seu prestígio estava mesmo acima das cisões que marcavam a política estadual. Ele era o catalisador das posições de independência (Mariani, 1979) e foi efetivamente a figura paradigmática da Primeira República. Síntese de político e intelectual, Rui desfrutou de enorme prestígio e veio a ser depois o principal alvo das críticas endereçadas à República Velha. Oliveira Viana, nos anos 20 em *O idealismo da Constituição* e Martins de Almeida, no *Brasil Errado* (1932), são exemplos da crítica feroz à figura de Rui como representando o Brasil legal, o Brasil falso que deveria ser destruído. É o Brasil bacharelesco que vai ser combatido no pós 30 e este combate toma como figura central Rui Barbosa já que outras figuras da República, como Campos Sales ou Pinheiro Machado, não recebem crítica similar.

Os jovens bacharéis se formam muito cedo e vão se integrar à vida profissional através de "três grandes escritórios: o de Medeiros Neto, junto com Arquibaldo Baleeiro, irmão do Aliomar, Jair Santos e outros; o de João Marques Reis, onde trabalhavam Clemente Mariani, Benício Gomes, e o de Sá, também grande escritório comercial com Rogério de Faria, que é sogro de Afrânio Coutinho." "E o nosso, era um escritório iniciante" nos diz Manuel Pinto de Aguiar ao se referir ao escritório de

2 Nas cartas trocadas entre Anísio Teixeira e Montelro Lobato (1986, p. 34 e 37) há referência à cidade de Salvador como a "mulata velha".

Allomar Baleeiro, Luis Viana Filho e Chagas Filho, do que ele fazia parte. (Aguiar, 1984).

Além dos escritórios de advocacia os jovens formados iam trabalhar nos jornais da terra: *O imparcial*, *A tarde*, (para os quais Afrânio Coutinho colaborou), *O Jornal da Bahia* (do qual Pinto de Aguiar foi chefe de redação), *Diário da Bahia* (que contou com Clemente Mariani em seus quadros até 1927), *O Estado da Bahia* entre os mais importantes.

Do ambiente intelectual da Bahia, faz parte também a revista *Arcos & Flexa*, publicação do movimento modernista de Salvador. Editada em 1928, esta revista teve manifesto (tão à moda dos movimentos literários da época) escrito por Carlos Chiacchio intitulado "tradicionalismo dinâmico". É interessante notar que mesmo o modernismo da Bahia se autonegou "tradicionalismo" ainda que "dinâmico". Mas, vejamos o que o seu manifesto nos diz:

Não há povos sem tradição (...). Belas ou feias, boas ou más, tristes ou alegres, as origens da nossa tradição, resultante somática de três raças unidas no momento em que cresciam para o desejo da imortalidade, não há que repudiá-las em nome de outras probabilidades de beleza, que podem existir, como existem para outros povos, mas, para nós não têm préstimo porque são contrárias às leis do nosso desenvolvimento na História.

Este texto de 1928 começa a mudar na Bahia o sinal frente à questão das raças. Reconhece a formação histórica brasileira e quer se pautar pelo padrão da mestiçagem que marca a tradição do país.

O manifesto fala a favor da universalização da cultura, embora defenda que esta integração, esta abertura a novos saberes, a novas aspirações não deva levar ao mimetismo que apaga o espírito brasileiro. Há, de um lado, uma crítica a este espírito naquilo que tem de efêmero, sem fôlego, fútil, imediatista, e que tem levado ao vício da imitação. De outro, defende a dinamização do espírito brasileiro em alguns de seus aspectos. Há tradições e tradições. "umas são estáticas, retrógradas, paradas. Não vingam mais. Outras são dinâmicas, vivas, libérrimas. Valem sempre". Temos que distingui-las para aproveitar a energia do passado naquilo que ele tem de melhor.

"Mas nós [continua o manifesto] repelimos os nossos monumentos de raça. Envergonhamo-nos da tanga, do arco e da flecha, porque nos fascinam a máscara, o florete e a luva". Assim, eles combatem a imitação, valorizam a volta ao que é nosso entretanto sem significar o retorno integral ao primitivismo. "Nunca primitivismos antropofágicos nem dinamismos desembestados. O senso de medida. O critério da seleção (...) Enfrechemos o nosso arco, sem alusões a Peri".

Estes postulados da revista e do movimento são comuns a outros grupos modernistas dos anos 20 que se pautaram pela crítica à imitação, pela denúncia do atraso brasileiro. Entretanto, para além deste ponto comum os diagnósticos e os programas começam a se diferenciar. A questão do universal e do particular, do que é comum a todos os povos e o que os distingue é central no debate dos modernistas assim como o caminho de inserção da nação no mundo.

A consulta aos cinco números da revista *Arco & Flexa* permite que possamos tentar identificar melhor as aproximações e os distanciamentos entre estes grupos e outros vertentes nos anos 20. Além da publicação de inúmeros poemas, a revista apresenta pequenos textos, comentários variados, como um de autoria de Ramayana de Chevalier dizendo: "No Rio, *Festa* a nossa irmãzinha de luta e de idéia traz consigo toda a síntese do são e positivo princípio de refazimento". Outro indicio aparece em artigo de Cavalcanti Freitas que conclui dizendo "Dá-me a tua bênção, Tasso..." Há assim algumas indicações que permitem afirmar o parentesco entre *Arco & Flexa* e *Festa*.

Sem pretender nos limites deste texto analisar a revista *Festa*, podemos lançar mão de algumas informações que poderão nos ajudar a caracterizar o "tradicionalismo dinâmico" do modernismo baiano.

O grupo da revista *Festa* congrega no Rio de Janeiro as figuras de Tasso da Silveira, Cecília Meireles, Murilo Araújo, Nestor Vitor, Adelino Magalhães, Barreto Filho, Andrade Muricy. É caracterizado como a vertente espiritualista do modernismo carioca. "Para os espiritualistas, descendentes diretos dos simbolistas do Paraná, as duas grandes forças estéticas do Brasil eram: a *tradição* e o *mistério*. *Tradição*: soma dos momentos supremos, das realizações mais expressivas, dos gritos mais profundos do passado do povo. *Mistério*, isto é, o que ainda não está desvendado, o futuro, a esperança" (Peregrino Jr., 1969, p.49).

Neste sentido "tradição e mistério" pode muito bem ser tomado como sinônimo do "tradicionalismo dinâmico" de *Arco & Flexa*. A busca do que é dinâmico no passado brasileiro envolve também, para este grupo, a recusa ao primitivismo - qual primitivismo? o de Raul Bopp ou o de Oswald de Andrade? - ainda que envolva a indagação do que é ou do que deva ser o espírito brasileiro. E é neste sentido que acaba havendo uma "revitalização do regionalismo, do tradicionalismo, do folclore, como resultante de um movimento unânime de introspecção nacional" (Peregrino Jr., 1969, p. 51).

Este movimento de volta a alguns traços do passado, daqueles que são ainda capazes de serem revitalizados; de busca de valores humanos que possam fugir ao efêmero, ao imediatismo faz parte do espírito da revista *Arco & Flexa*.

A Bahia era assim parte integrante da vida política e cultural da

Primeira República. Sua importância econômica, seu tamanho físico e posição demográfica além de "uma série de destacadas personalidades políticas (Rui Barbosa, José Joaquim Seabra, os Moniz, os Calmon, os Mangabeira) fizeram da Bahia um importante estado secundário na hierarquia da política da federação na Primeira República" (Pang, 1979, p. 9).

Em 1929 Vital Soares, governador da Bahia, foi candidato a vice-presidente na chapa de Júlio Prestes, ou seja, a Bahia não esteve presente na Aliança Liberal nem na Revolução. A política oficial foi a perdedora com a Revolução de 30 e a subida de Getúlio ao poder trouxe abalos à política estadual.

A Bahia vencida com o movimento de 30 viveu em crise política até 1933 quando foi nomeado o interventor Juracy Magalhães. A atuação de Juracy, legítimo representante do tenentismo, do Clube 3 de Outubro, foi a de apaziguar os espíritos, procurando harmonizar interesses, esforçando-se para realizar a recuperação econômica da Bahia. Independentemente dos processos em curso na política baiana, a vida política nacional caminha para o golpe de 1937, golpe do qual Juracy esteve afastado e que levou à sua substituição no governo da Bahia por Landolfo Alves, em 1938.

Não vamos aqui explorar o que foi a política baiana³, entretanto, é importante notar que uma versão sobre ela está presente na obra de Guerreiro Ramos, *A crise do poder no Brasil* (1961). Ali estão presentes as oligarquias baianas, os Calmon (p.177), os Mangabeira (p.179) entre outros, ali Guerreiro mapeia o quadro da política oligárquica que a modernização brasileira, marcada pelo processo de industrialização, estaria colocando fora do cenário principal. Guerreiro antes de descrever esta política oligárquica já lutara contra ela ao se engajar no movimento integralista e ao beber em fontes do pensamento católico europeu.

Década de 30: o engajamento político

Na Bahia dos anos 30 encontram-se inúmeros jovens engajados na luta política, uns militavam nas hostes integralistas, outros sob influência do movimento católico, outros ainda nas fileiras da Aliança Nacional Libertadora. Constituíam uma geração que, como nas palavras de Alceu Amoroso Lima, havia dado "adeus à disponibilidade" e imbuída de um espírito de salvação nacional lutava cada um a sua luta.

Um dos temas que envolvia os jovens tinha a ver com a cultura popular, leia-se negra, e sua integração no cenário da cultura nacional.

3. Sobre o tema ver Pang, 1979; Magalhães, 1982 e Mariani, 1979.

Como nos diz Gilberto Gil: "Na Bahia, alguns segmentos intelectuais da elite foram fascinados e seduzidos pelos grandes mestres da cultura negra". Entre os estudiosos da cultura negra estão Édison Carneiro, Sosígenes Costa, Áydano do Couto Ferraz, Alves Ribeiro, Dias da Costa, Jorge Amado, João Cordeiro, Clóvis Amorim, entre outros. Jorge Amado foi companheiro de Artur Ramos em andanças pelos candomblés da cidade e colocou inúmeras de suas figuras no romance *Jubiabá* publicado em 1935. As populações negras, pobres e boêmias da cidade de Salvador constituem a matéria-prima da maior parte de seus romances ⁴.

O interesse pela cultura negra na Bahia é partilhado por intelectuais que se engajaram no movimento comunista. Jorge Amado, Édison Carneiro e Áydano do Couto Ferraz (1977) nos relata como ele, estudante de direito e já integrante da Juventude Comunista, participava dos comícios e arregimentava estudantes para participar da ANL. Entre suas atividades incluía-se a criação de revistas literárias que davam vazão à veia política dos jovens através da publicação de inúmeros poemas como os que abordavam a Guerra Civil espanhola.

Nesta versão do clima político da época, Áydano considera ter sido a Bahia uma espécie de "território livre" após o fechamento da ANL. Várias figuras da Aliança, inclusive militares teriam fugido do país pela Bahia. Mesmo após o fechamento da ANL e da perseguição que se segue ainda há um espaço para a atuação política propiciado pela campanha eleitoral em 1937. José Américo de Almeida galvaniza com sua candidatura as figuras de esquerda que tinham escapado à perseguição pós-35. O golpe de novembro de 1937 vem entretanto encerrar tais sonhos e Áydano viaja para o Rio de Janeiro em 1939 indo trabalhar como jornalista dos Diários Associados.

Os anos 30 assistem a um interesse pela cultura negra manifestado tanto por intelectuais engajados no movimento comunista como também por outras figuras dedicadas a estudos mais "acadêmicos". Artur Ramos reinicia os estudos africanistas ao publicar o ensaio *Os horizontes místicos do Negro da Bahia* e analisar o pensamento de Nina Rodrigues. Iniciador desta fase de estudos, Artur Ramos vem para o Rio de Janeiro em 1933, por solicitação de Anísio Teixeira, embora continue participando de pesquisas e de congressos sobre o tema no negro.

O 1o. Congresso Afro-Brasileiro é realizado no Recife em 1934 sob a coordenação de Gilberto Freyre e contando com a presença de

4 Jorge Amado recebe influência do prof. Souza Carneiro, pesquisador de fatos folclóricos, escritor e romancista, pai de Édison Carneiro e do atual senador Nelson Carneiro.

Artur Ramos, Édison Carneiro, Jorge Amado, entre outros. Ajudado por Áydano do Couto Ferraz e Reginaldo Guimarães, Édison Carneiro organiza o 2.º Congresso Afro-Brasileiro, realizado na Bahia em janeiro de 1937. "É preciso lembrar que 'as religiões africanas' do tempo de Nina, já eram, para Ramos e Carneiro, 'religiões negras'. Religiões do povo negro da Bahia" (Lima, 1987, p. 40). Neste segundo congresso reúnem-se estudiosos locais, pesquisadores estrangeiros e pais e mães-de-santo da Bahia.

A Bahia era considerada o campo de observação por excelência dos contatos entre brancos e negros. Ali estiveram nos anos 30 e 40 Melville Herskovits, Roger Bastide, Franklin Frazier, Ruth Landes, Donald Pierson, este último vindo realizar a pesquisa para o seu doutoramento na Universidade de Chicago.

O Brasil e em particular a Bahia aparecia aos olhos de Pierson, segundo seu próprio relato (Correa, 1987), como uma situação social privilegiada de inter-relação entre as três raças básicas. Os estudos sobre contato racial e cultural constituíam um dos focos básicos da sociologia produzida na Escola de Chicago. Estes estudos tinham a ver com o problema das relações interétnicas nos Estados Unidos e com uma mitologia que lá se desenvolvia a respeito das relações entre brancos e negros na América Latina e no Brasil em especial. Supunha-se que este contato se realizava no Brasil sem grandes problemas e havia uma situação ideal, uma espécie de paraíso que precisava ser melhor investigado até para poder ser melhor copiado.

Inúmeros pesquisadores americanos estiveram estudando o Brasil e entravam em contato com os brasileiros interessados no tema. Pierson, por exemplo, encontra-se no Rio com Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Oliveira Viana, Artur Ramos, Anísio Teixeira e vai com a ajuda deste e de outros estudiosos viver 22 meses na Bahia onde realiza sua pesquisa. É enquanto professor e pesquisador da questão negra que participa do 2.º Congresso Afro-Brasileiro, organizado por Édison Carneiro em 1937. Este Congresso marca um ponto máximo nos estudos africanistas da década de 30. Com a partida de Áydano do Couto Ferraz e mais tarde Édison Carneiro para o Rio de Janeiro estes estudos não têm continuidade na Bahia.

"Os estudos africanistas realizados naquela fase e continuados no decênio dos 40 caracterizam-se pelo cunho antes etnológico do que sociológico, versando fundamentalmente problemas do conteúdo do místico da religião e do folclore, da origem cultural e tribal de crenças, instituições e línguas, de aculturação intertribal e afro-brasileira" nos diz Thales de Azevedo (1964, p. 64).

Estes estudos de relações interétnicas assim como os chamados estudos de comunidade serão englobados na categoria de "sociologia enlatada" utilizada por Guerreiro Ramos, mas isto se dá mais tarde.

Guerreiro Ramos não participou destes movimentos e iniciativas "africanistas" da década de 30. Sua opinião sobre Artur Ramos por exemplo não é nada elogiosa, entretanto o tema do negro merecerá seu interesse explícito por ocasião do 1o. Congresso do Negro Brasileiro organizado pelo Teatro Experimental do Negro em 1950 no Rio de Janeiro (Nascimento, 1982). Guerreiro voltará uma vez mais a este tema ao escrever "O problema do negro na sociologia brasileira" publicado na *Cartilha brasileira de aprendizagem de sociólogo* (1954).

A questão política e cultural relacionada ao tema do negro fez parte do campo intelectual da Bahia nos anos 30. Outros movimentos receberam igualmente a adesão dos intelectuais. Vejamos como a trajetória de um outro baiano nos ajuda a entender não só o engajamento nas hostes integralistas como também a presença de Guerreiro Ramos nesta conjuntura.

Rômulo Almeida (1984) vive em Salvador no início dos anos 30. Favorável à Revolução Constitucionalista trabalhava como repórter do *O Estado da Bahia*, jornal dirigido por Aliomar Baleeiro e cujo redator chefe era Manuel Pinto de Aguiar. Abandona a Bahia por ter entrado em conflito com o interventor Juracy Magalhães e vem para o Rio de Janeiro, coração das questões administrativas e políticas da época. Entra em contato com a Aliança Nacional Libertadora (ANL), mas acaba recusando se aproximar deste agrupamento que a seu ver tinha um sentido por demais internacionalista. Ele, Rômulo, se diz nacionalista e socialista por influência de José Ingenieros. Se o internacionalismo do movimento comunista e da ANL são rejeitados, ele entra em contato com Alceu Amoroso Lima e com o Centro Dom Vital. Conhece vários integralistas e acaba se filiando à Ação Integralista Brasileira, permanecendo em suas fileiras por 2 anos.

"Eu encontrei no Rio algumas figuras extraordinárias do integralismo, como San Tiago Dantas, o padre Helder, o tenente Jeová Mota, e encontrei também rapazes de São Paulo: Roland Corbusier, Ermani da Silva Bruno, Luis Almeida Sales" (Almeida, 1986, p. 35)

Segundo interpretação de Rômulo era possível distinguir no integralismo três linhas ou alas: a sindicalista (Jeová Mota e Helder Câmara); a "boitatá" nacionalista na "linha de Mário de Andrade e da Revolução cultural da Semana de Arte Moderna" (p. 37)⁵;

5. Rômulo nos lembra que Plínio Salgado fizera parte do movimento modernista e era autor de *O Estrangeiro*, obra de boa fama dentro do modernismo

E, por fim, a linha do grupo católico sob inspiração de Jacques Maritain onde estava Alberto Guerreiro Ramos. Ele, Rômulo, fazia a ligação entre as correntes sindicalista e nacionalista e, todas elas enfrentavam o grupo da milícia, dirigido por Gustavo Barroso. Com o golpe de 1937, Rômulo foi mais uma vez preso, tendo por companheiro de prisão, Abdias Nascimento, líder negro que também era integralista (p. 37).

Em abril de 1938, Rômulo volta à Bahia, agora sob a interventoria de seu primo, Landulfo Alves. Colabora com o governo da Bahia projetando um departamento de cultura à semelhança do de São Paulo. Como o governo estadual recebeu ordens para criar uma sucursal do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ele, Rômulo, conseguiu a nomeação de Alberto Guerreiro Ramos e Jorge Calmon para a parte cultural do DIEP. Rômulo fica entre o Rio e Salvador, fugindo da polícia e vivendo sob suspeita de estar conspirando com Mangabeira e acaba por se refugiar no próprio país. Julgado e condenado vai trabalhar no Acre no Censo do IBGE pelas mãos de um antigo companheiro da Sociedade Alberto Torres. Depois de um ano, Rômulo retorna ao Rio de Janeiro e vai trabalhar no escritório de advocacia de San Tiago Dantas.

Outro intelectual que viveu estes anos em Salvador é Afrânio Coutinho. Ele e Guerreiro foram companheiros de geração, partilharam do mesmo ambiente intelectual e beberam das mesmas fontes: a revista católica francesa *Esprit*, as obras de Jacques Maritain e de Daniel Rops.

Participando do ambiente universitário como estudante de medicina, Afrânio Coutinho vai desfrutar da biblioteca da Faculdade de Medicina como seu bibliotecário. Interessado em literatura e tendo Eugênio Gomes como a figura que mais influenciou sua formação intelectual, Afrânio Coutinho exerce intensa militância na imprensa publicando ensaios literários nos jornais *O imparcial*, *A tarde* e mais tarde artigos comentando a política internacional e a guerra em *O Estado da Bahia*.

Afrânio publica um livro sobre Daniel Rops⁶ em 1936 e tem seus artigos publicados pela revista *A ordem* e por *Festa*, ambas do Rio de Janeiro. Ele não participa do movimento integralista nem da ANL. Mantém-se equidistante da luta política entre estes grupos e fiel à perspectiva do movimento católico sob comando de Maritain, de quem vai ser o tradutor de *Humanismo Integral*, editado em 1941 por Monteiro Lobato na Difusão Européia.

Afrânio Peixoto e Guerreiro Ramos tiveram uma convivência

6. *Daniel Rops e a ânsia do sentido novo da existência*. Salvador. A Gráfica, 1936.

estreita na Bahia certamente porque bebiam das mesmas fontes intelectuais e religiosas, chegaram mesmo a publicar juntos a revista *Norte* (Afrânio, Guerreiro e Antônio Osmar Gomes sob o pseudônimo de Paulo de Damasco).

Para além desta convivência de jovens os dois vão se separar. Nenhum deles quis dar maiores informações sobre o assunto mas uma reconstrução *a posteriori* nos mostra Guerreiro Ramos, ligado aos Alves, participando da criação da Faculdade de Filosofia em Salvador e sendo enviado ao Rio de Janeiro com uma bolsa de estudos do governo da Bahia e tendo artigos publicados na revista *Cultura Política*. Afrânio Coutinho viaja para Nova York em 1942 como correspondente do *Reader Digest* por indicação de Otávio Mangabeira com quem convive nos Estados Unidos. Em sua estada Afrânio conhece inúmeros refugiados que lá chegavam fugindo da guerra e do nazismo, dentre eles o próprio Jacques Maritain.

Estes três baianos: Guerreiro Ramos, Afrânio Coutinho e Rômulo de Almeida podem ser tomados como exemplos das possíveis trajetórias da geração que se formou nos anos 30. Guerreiro vem para o Rio de Janeiro, Afrânio vai para os Estados Unidos, Rômulo vai para o Acre e depois para o Rio. Além deles outros intelectuais deixam Salvador, Aydano do Couto Ferraz em 1939; Edison Carneiro em 1938. Uma questão no mínimo curiosa é explicar porque todos estes intelectuais deixam a Bahia em torno dos anos 40?

Nossa suposição, tentando ir além das limitações típicas da "província", é a de que a intensidade da participação política desta geração nos anos 30 pode ajudar a entender esta diáspora. É no solo baiano que germinam muitas das lideranças comunistas que vão se destacar no Partido; é da Bahia que emergem figuras que serão relevantes nas Ciências Sociais como Luís Costa Pinto, Edison Carneiro e o próprio Guerreiro Ramos refletindo um espaço urbano que permite e incentiva a participação dos jovens. Entretanto a intensidade desta participação parece viabilizar a convivência posterior no espaço da cidade.

O pensamento de Guerreiro nos anos 30.

Guerreiro Ramos, como já dissemos, militou no integralismo, foi influenciado pelo pensamento católico do grupo *Esprit*, participou do setor cultural do governo Landolfo Alves, teve seus artigos de análise literária divulgados na revista *Cultura Política*, enquanto estava no Rio de Janeiro com uma bolsa do governo para fazer o curso de Ciências Sociais na então Universidade do Brasil. Ainda na Bahia Guerreiro publicou *O drama de ser dois* (poesia) em 1937 e *Introdução à Cultura* (ensaios), publicado pela Cruzada da Boa Imprensa em 1939, além dos

artigos da revista *Norte*, da qual era co-proprietário.

As questões tratadas por Guerreiro Ramos nos textos produzidos nos anos 30 podem ser sintetizadas na idéia de uma "revolução personalista e comunitária", à la Mounier, que se contrapõe à revolução materialista configurada tanto pelo fascismo quanto pelo comunismo. Trata-se de uma proposta de transformação que pode ser compreendida pela abordagem de alguns pares de conceitos: cultura *versus* civilização; pessoa *versus* indivíduo; orgânico *versus* mecânico; sentimento trágico de vida *versus* sentimento burguês da existência; sofrimento *versus* ressentimento. O primeiro termo destas dicotomias engloba a proposta, o sonho de Guerreiro e do grupo leitor e produtor da revista *Esprit*. O segundo representa o mundo contemporâneo, o inimigo a ser combatido, a ser revolucionado.

O livro *Introdução à Cultura* (1939) condensa o cerne de suas idéias e nele Guerreiro expressa suas filiações mais diretas. São citados principalmente Charles Péguy, Daniel Rops, Denis de Rougemont, Jacques Maritain, M. Sheler, Berdiaeff, Ortega y Gasset, Heidegger, Rainer Maria Rilke além das revistas *Ordre Nouveau* e *Esprit*. Entre os autores brasileiros aparecem Afrânio Coutinho, Almir de Andrade e Afonso Arinos de Mello Franco.

Não tratarei aqui dos aspectos propriamente filosóficos do texto, já que foge à minha esfera de competência, entretanto a análise dos pares de conceitos acima mencionados nos permite qualificar esta temática como pertencente ao universo do pensamento conservado que tem na cultura o princípio de organização do mundo. Mas qual é a concepção de cultura que se faz presente?

Para Guerreiro a cultura é um princípio espiritual da vida humana e se contrapõe à idéia de civilização que expressa seus aspectos temporais e materiais. A cultura é expressão da pessoa e esta se define por sua espiritualidade. O fim do homem é seu aperfeiçoamento moral e neste sentido a verdadeira cultura não é uma técnica e sim uma categoria do ser. A inteligência tem por objeto o ser, seu fim é conhecer as essências das coisas e não deve ser confundida com um puro Instrumento racional.

A natureza do homem é a mesma em todos os tempos entretanto há mudanças nos processos de adaptação às circunstâncias. Daí o possível desacordo entre o "arcabouço expressional de uma cultura e as novas condições de vida" produzindo uma ruptura entre pensamento e ação. Segundo Guerreiro as culturas têm um ciclo vital.

A cultura espiritual, expressão da pessoa, é também vista como a totalização dos anseios e idéias que residem no povo, mas que ele por si só é incapaz de se exprimir, cabendo aos gênios e sobretudo aos poetas esta faculdade. "A vocação é o elemento específico da pessoa, que torna

todo homem original" (p. 56) e "é a particularidade de cada pessoa que a torna só entre os homens" (p. 82).

Há um princípio aristocrático inerente a esta concepção de cultura já que ela se baseia na originalidade de cada pessoa. É uma hierarquia do ser, moral e qualitativa e neste sentido distinta do princípio de uniformidade que acaba por favorecer a hierarquia material e quantitativa do ter.

Esta noção de cultura que se contrapõe a civilização é construída sobre o conceito de pessoa cujos fundamentos diferem do indivíduo moderno. Na sociedade contemporânea o homem perdeu a posse de si. Vive como um ser natural esquecido de que ele é um ser natural e sobrenatural ao mesmo tempo. Cada homem é mesmo uma imagem de Deus. Sem negar o valor do preenchimento das necessidades materiais - reino da natureza - o homem deve lembrar que a revolução material é uma ponte para a verdadeira revolução, aquela que assume a superioridade espiritual do homem. Converter o homem ao homem resume o brado deste pensamento.

E como os indivíduos convertidos em pessoas ao abandonar ao lado material, superficial, egoísta do ser humano viverão em conjunto? Como se constitui o todo social? "É necessário construir um mundo de pessoas, de homens criadores e livres que se unam em grupos naturais e espontâneos, pela *comunhão* e não pelo interesse..." (p. 47). As concepções de orgânico e de mecânico auxiliam a diferenciação entre os dois tipos de sociedade. "A sociedade deve ser um corpo e não uma construção mecanizada. A saúde e a força de um corpo supõem a harmonia de funções diversificadas" (p. 48).

O humanismo desta proposta supõe a construção de uma "cidade pluralista, onde haja, não a igualdade absoluta, mas uma certa 'heterogeneidade orgânica' "diz Guerreiro, citando o *Humanismo integral* de Maritain. O mundo contemporâneo perdeu a organicidade e sua salvação não virá pela uniformidade mecânica como querem os que apostam na rebelião das massas.

Guerreiro rejeita o que chama a ilusão do homem burguês, do liberal, do fascista e do comunista. Este homem é o indivíduo atomizado, baseado apenas em sua natureza, fechado sobre si, incapaz de ser solidário. Este é o homem narciso que se expressa através do ter, da razão utilitária e que produz o mundo estruturado mecanicamente. Este indivíduo tem como prazer a posse, é incapaz de amar a solidão, e na dor e no sofrimento se torna um ressentido.

Ao contrário a pessoa se une ao outro pela *comunhão* e o sofrimento funciona para ela como um meio de conquista de si próprio. "Pessoa e indivíduo se opõem como sofrimento e ressentimento" (p. 67). A questão do sofrimento e da dor estão correlacionadas à do pecado -

noção que o indivíduo moderno perdeu. Para Guerreiro, filiado ao pensamento cristão, o bem e o mal são ontológicos e não constituem aspectos exteriores ou sociais. "O mal está em nós e é a morte".

Estes são os princípios que movem a revolução total pregada por Guerreiro e que ambiciona despertar a responsabilidade, o desejo de sacrifício. Ela ambiciona converter e não vencer os homens.

A apresentação desta leitura dos textos de Guerreiro reunidos no livro *Introdução à Cultura* fala por si só. Todos os componentes de um pensamento conservador que valoriza a cultura estão expressos de forma cristalina. É um conservadorismo organizado sobre a conversão moral do homem. É uma crítica à sociedade burguesa; é uma proposta de reordenação do mundo buscando como fundamento uma hierarquia moral. E é neste sentido que o conservadorismo não deve ser identificado com o pensamento tradicional *tout court*, defensor do *status quo*, do imobilismo social.

Guerreiros Ramos irá mais tarde analisar este tipo de pensamento no artigo "A ideologia da ordem". Este seu texto publicado no livro *A Crise do Poder no Brasil* (1961) corresponde não só a uma análise acadêmica mas também a uma visão de quem participou desta perspectiva, é uma fala marcada pela vivência pessoal ⁷.

Se compararmos as premissas do pensamento de Guerreiro com a proposta de Mounier veremos como efetivamente aquele autor é tributário do pensador francês. Vamos lançar mão do texto de Paul Ricoeur (1968) analisando os artigos de Mounier, aparecidos na revista *Esprit* entre outubro de 1932 e dezembro de 1934, e que foram reunidos sob o título *Révolution personaliste et communautaire* (1935) ⁸.

A primeira observação de Ricoeur se refere à singularidade do empreendimento de Mounier ao fundar a revista *Esprit*. Trata-se da aventura de uma filosofia baseada na consciência de uma crise de civilização e esta perspectiva, a de abordar nossa época como a manifestação de uma crise da civilização nascida na Renascença, estava distante da filosofia universitária francesa. Mounier pretende enfrentar tal crise não pelo desespero ou por uma profecia da decadência mas pela proposta de criação de uma nova Renascença. Assim, o adjetivo personalista designa uma função civilizadora pela criação de uma nova época histórica. Mounier deseja criar uma pedagogia, deseja pregar uma conversão.

7 Sobre este tópico ver o artigo "A inteligência brasileira à luz da sociologia de Guerreiro Ramos" (Oliveira, 1987)

8 Sobre o grupo de *L'Esprit* ver Balmand, 1987

O personalismo de Mounier é em seus princípios uma pedagogia da vida comunitária vinculada a uma conversão da pessoa. A nova civilização deve emergir por força dos valores e é isto que Mounier chama de "primazia espiritual" e não o "espiritualismo que desterra o espírito em outro mundo", nos diz Ricoeur.

Para analisar a crise da civilização, Mounier toma o burguês já que seu pensamento evita definições abstratas, "pertence antes à ordem da *praxis* que da *theoria*". O mundo burguês é baseado no "menos". "O burguês é um estilo de descensão: do herói ao burguês; dos valores de conquista e criação aos valores do conforto" (p. 147). A pessoa, ao contrário da avareza do indivíduo, é generosidade.

O despertar da pessoa é a mesma coisa que a pedagogia da comunidade. Tal pedagogia se inspira diretamente no tema cristão da santidade, nos informa Ricoeur: "A generosidade da pessoa tem por paradigma a virtude teologal da caridade, e a mutualidade das pessoas 'a comunhão dos santos', confessado no *Credo* cristão" (p. 144). Mas, para Ricoeur há uma ética concreta no personalismo que é independente da fé cristã já que o pedagogo desta conversão não é necessariamente o cristão.

Estas observações tomadas de Ricoeur nos permitem reconhecer a similaridade, a filiação explícita entre a produção de Guerreiro nos anos 30 e o filosofar do grupo *Esprit* configurado nos textos de Mounier.

Vale notar ainda um último aspecto presente em *Introdução à Cultura*: é o referente ao valor da poesia e do poeta.

A poesia é apresentada como o caminho por excelência para o pleno florescimento do humanismo, ou seja, é o caminho da espiritualização, da santidade. A poesia é um sacerdócio e o poeta como aquele que está próximo do místico, do primitivo e da criança. Ele é um vidente, é um santo em potencial.

Um dos poetas citados por Guerreiro é Rainer Maria Rilke (1875-1926), cuja arte expressa principalmente o paradoxo existencial. Rilke procura pensar no ser do homem como essencialmente finito e deseja meditar sobre a essência humana. A figura do anjo presente em sua obra *Elegias de Duino* expressa o ser do anjo que escapa à morte e à decomposição. Anjo e homem apesar da imortalidade de um e da mortalidade do outro, talvez sejam parcialmente comuns. Rilke redescobre Hölderlin, figura da mais alta relevância no idealismo alemão. Heidegger considera Rilke o grande poeta em tempo de aflição.⁹ Ortega

⁹ Guerreiro diz em sua entrevista (1981) que traduziu a *Terceira elegia* de Rilke

também estará valorizando Rilke e Hölderlin.

Ao valorizar a poesia e o poeta neste texto de 1939, Guerreiro já tinha publicado um livro de poesias, *O drama de ser dois*, que expressa esta mesma divisão do homem entre ser natural e sobrenatural, entre homem e anjo. Em outro de seus artigos, "O problema do humanismo" publicado na revista *Norte* Guerreiro volta à questão do *ser dois*: "Todo homem é um anjo, em exílio (...) o homem se encontra entre dois mundos: o mundo do exterior e o mundo interior". Para ele só o cristianismo reconhece esta dupla natureza do homem e "a medida cristão do homem, da qual os santos são os arquétipos mais avançados, precisa ser restaurada e vivida no mundo moderno, se não quisermos ver a realização do mito de Prometeu" (p. 1).

Além de Rilke são mencionados os poetas Murilo Mendes, Tasso da Silveira e Adalgisa Nery, tendo os dois primeiros pequenos trechos de poemas transcritos. Eles seriam expressão do sentido da poesia que Guerreiro incorpora. É interessante notar que embora Guerreiro não faça nenhuma menção ao grupo da revista *Arco & Flexa* publicada na Bahia em 1928, como já mencionamos, os membros desta revista também estão valorizando a poesia de Tasso da Silveira e do chamado grupo simbolista, espiritualista do Rio de Janeiro.

Podemos concluir esta análise do pensar de Guerreiro dos anos 30 mencionando uma frase sua: "Há quem espere ingenuamente a resolução do problema do homem por parte dos políticos, dos administradores. Eu, por mim, penso que os poetas são os verdadeiros 'condutores de povos'" (p. 111).

Esta matriz do pensamento de Guerreiro Ramos deixa marcas profundas mesmo em suas obras posteriores. É certo que Guerreiro vai acreditar nos políticos e nos administradores; é certo que novos conteúdos substituem a idéia de salvação, a conversão não é mais religiosa ou espiritual, mas *conversão, salvação e vocação* continuarão a desempenhar um papel relevante nas propostas de Guerreiro. No lugar da cultura espiritual da pessoa, as ciências sociais, a industrialização, o papel do Estado, a consciência do povo. Ele seculariza a temática destas primeiras obras, mas seu discurso guardará as bases desta matriz seminal. Uma análise metateórica de seu último livro, *A nova ciência das organizações*, publicado em português em 1981, encontrará questões muito próximas às aqui mencionadas. Sua recusa à razão utilitária, sua visão da história brasileira e ocidental como descarrilamento, sua noção de decadência, podem ser encontradas nestes primeiros textos de sua carreira intelectual.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AGUIAR, Manuel Pinto (1984) Depoimento. FGV/CPDOC. Mimeo
- ALMEIDA, Rômulo (1984) Depoimento. FGV/CPDOC. Mimeo
- _____. (1986) *Rômulo: voltado para o futuro*, Fortaleza, BNB.
- ARCO & FLEXA - 1928/1929 (1978) Edição fac-similar. Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- AZEVEDO, Thales de (1964) *As Ciências Sociais na Bahia*, Salvador Universidade da Bahia.
- BALMAND, Pascal (1987) "Les jeunes intellectuels de l'Esprit des années trente: un phénomène de génération?" em *Generations intellectuelles*. Les Cahiers de l'IHTP, no. 6, nov.
- CORREA, Mariza (1987) *História da Antropologia no Brasil (1930-1960)*; Testemunhos: Emílio Willems, Donald Pierson. São Paulo, Vértice/Unicamp.
- COUTINHO, Afrânio (1986) Depoimento. FGV/CPDOC. Mimeo.
- FERRAZ, Áydano do Couto (1977) Depoimento. FGV/CPDOC. Mimeo.
- LIMA, Vivaldo da Costa (1987) "O candomblé da Bahia na década de trinta" em Carneiro, Édison. *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo; Corrupio.
- MAGALHÃES, Juracy (1982) *Minhas memórias provisórias*, Rio de Janeiro; Civilização Brasileira.
- MATTA, João Eurico (1983) "Alberto G. Ramos: reflexão preliminar sobre sua trajetória intelectual, em homenagem póstuma". *Revista de Administração Pública*, v. 17, jan/mar.
- MARIANI, Clemente (1979) Depoimento. FGV/CPDOC. Mimeo.
- MISCELÂNIA de Estudos literários; homenagem a Afrânio Coutinho (1984) Rio de Janeiro: Pallas/INL.
- NASCIMENTO, Abdias. org. (1982) *O negro revoltado*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira.
- NOGUEIRA, Oracy (1985) *Tanto preto quanto branco*; estudo de relações raciais. São Paulo; T.A. Queiroz.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (1988) "A Inteligência brasileira à luz da sociologia profética de Guerreiro Ramos", *Dados* Rio de Janeiro, v. 31, no. 3, p. 357 -71, 1988
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. (1987) "Os estudos africanistas na Bahia dos anos 30" em Carneiro, Édison. *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo; Corrupio.

- PANG, Eul-Soo. (1979) *Coronelismo e oligarquia 1889-1943*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- PEREGRINO JUNIOR (1969) "Modernismo" In: *Três Ensaíos*. Rio de Janeiro: São José.
- PINHO, Péricles Madureira de. (1984) "Afrânio Coutinho: recordações de colégio" In: *Miscelânea de Estudos Literários*; homenagem a Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro; Pallas/INL.
- RAMOS, Guerreiro. (1938) "O problema do humanismo", *Revista Norte*, Salvador.
- _____. (1939) *Introdução à Cultura*. Salvador: Cruzada da Boa Imprensa
- _____. (1961) *A crise do poder no Brasil*. Rio de Janeiro; Zahar.
- _____. (1981) Depoimento. FGV/CPDOC. Mimeo.
- RICOEUR, Paul (1968) "Emmanuel Mounier: uma filosofia personalista" In: *História e verdade*. Rio de Janeiro; Forense.